



Entrevistas

PARTICIPAÇÃO, DIREITOS E CIDADANIA

Dança ajuda pessoas com deficiência a vencerem preconceitos

13 DE OUTUBRO DE 2010



A fisioterapeuta e bailarina Adakrishna Sampaio Saraiva de Oliveira relata um pouco das experiências do Grupo Ciranda, composto por pessoas com e sem deficiência, na arte da dança. De acordo com ela, a criação coletiva é construída pouco a pouco, a partir da integração de corpos e movimentos, dentro das possibilidades de cada um.

Mobilizadores COEP – Como surgiu o Grupo Ciranda e com que proposta?

R.: O [grupo Ciranda](#) surgiu em outubro de 2005 com um cadeirante e eu, fisioterapeuta e bailarina, dispostos a realizar uma apresentação para a abertura de um Simpósio de Fisioterapia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). A partir dessa apresentação ficamos motivados a continuar o trabalho com aulas semanais com a proposta de incluir a pessoa com deficiência física através da arte da dança e mostrar à sociedade a capacidade da integração dos movimentos de um corpo dito ?normal? e um corpo ?deficiente?, criando o belo.

Mobilizadores COEP – Como é a integração pela dança de pessoa com e sem deficiência? Quais os principais desafios? Há resistências de lado a lado? Como elas são vencidas?

R.: A integração acontece em um segundo momento, pois o trabalho começa com a descoberta do movimento individual inserido em um ritmo ou melodia musical, além do conhecimento da cadeira de rodas em diversas perspectivas. Após esta percepção e conscientização dos movimentos individuais

associados à música e à cadeira de rodas ocorre a construção de sentimentos, sensações e possibilidades que muitas vezes não eram percebidas ou extravasadas no cotidiano. Neste momento, acontece a integração dos corpos e movimentos, buscando atitudes que possam preencher ou complementá-los na dança. Desenvolve-se, assim, um processo de criação coletiva de acordo com as possibilidades de cada um.



Todo este processo é um desafio, pois é necessária disponibilidade do cadeirante e do andante para este trabalho de percepção, assim como, disponibilizar o seu corpo para situações antes não experimentadas. Há uma grande responsabilidade de ambas as partes na dança com uma pessoa com deficiência, pois o corpo do cadeirante tem respostas diferentes às situações de desequilíbrio e velocidade. É preciso lembrar que a dança com qualquer pessoa explora a experimentação dos movimentos e do corpo e, às vezes, isto pode resultar em acidentes inerentes ao próprio processo. Porém, quando isto ocorre com uma pessoa com deficiência física, o olhar para tal situação se modifica, pois este corpo é considerado mais frágil.

Percebi a resistência no grupo por falta de disponibilidade da família do cadeirante (deslocamento, compromisso com ensaios) ou pelo próprio preconceito da pessoa com deficiência. Também ocorreu resistência por parte do andante que teve medo de realizar passos que pudessem ter algum risco, por mais que o cadeirante se sentisse bem em realizá-lo. Essas resistências são vencidas com diálogo, observação e respeito pelo limite do outro. Mobilizadores COEP – Como vocês encaram o desafio de fazer com que as pessoas percebam o trabalho que desenvolvem como arte e não como uma simples terapia para pessoas com deficiência?

R.: Para que o trabalho seja visto como arte, eu faço questão de apresentar danças coreografadas, sem improviso, com figurino e trilha sonora adequada à mensagem a ser passada. Mobilizadores COEP – Que adaptações são necessárias para o trabalho com artistas com deficiência?

R.: Os espaços para a apresentação e ensaios devem ser amplos, com solo adequado para a movimentação da cadeira de rodas e acesso para pessoas com deficiência. Deve se tomar cuidado com a iluminação e a fumaça durante as apresentações, já que algumas pessoas têm deficiência visual. Movimentos e giros muito rápidos ainda são difíceis de serem realizados, devido ao desequilíbrio corporal existente nos bailarinos cadeirantes do grupo: a maioria possui uma lesão medular alta. O figurino não deve ter sobra de tecidos, pois ele pode se embolar na roda da cadeira.



Mobilizadores COEP – A dança pode ajudar a melhorar a auto-estima das pessoas com deficiência e a quebrar preconceitos? De que forma?

R.: Os cadeirantes e seus familiares modificaram a sua forma de se olhar, se entender. Há uma facilidade maior para tentar superar os limites, além da melhoria da auto-estima e melhor capacidade de expressão verbal. Houve uma diminuição da super proteção que impede que o cadeirante se desenvolva motora e emocionalmente. Eles relataram serem mais aceitos nos seus meios sociais, principalmente após a realização do espetáculo do Grupo.

Muitas pessoas que assistiram ao espetáculo "Permita-se!?", que realizamos no Teatro Municipal Paulo Gracindo, em Petrópolis (RJ), e no Sesc de Teresópolis (RJ), em 2007, relataram que não sabiam que os cadeirantes e Parkinsonianos pudessem dançar daquele jeito. Outras falaram que tinham vergonha de reclamar da vida e não se colocar na sociedade, enquanto pessoas com dificuldades físicas subiam em um palco e se expressavam com alegria através da dança.

Um cadeirante relatou que depois das suas apresentações em espetáculos de outras academias, as pessoas do seu bairro pararam de olhar para ele com pena. Será que não foi ele que se colocou melhor no seu meio? Mobilizadores COEP – Como está hoje o cenário cultural brasileiro no que se refere à inclusão profissional da pessoa com deficiência? Quais os principais desafios?

R.: Acredito que está aumentando a inclusão profissional das pessoas com deficiência, mas ainda há um longo percurso a percorrer. As empresas já trabalham com cursos profissionalizantes, vagas determinadas para pessoas com deficiência, como ocorre, também, em concursos públicos. O principal desafio ainda é o acesso destas pessoas a uma formação pessoal (escolar, cultural...) que é dificultada por barreiras arquitetônicas, falta de transporte adequado e escolas sem a capacidade real de inclusão. Mobilizadores COEP – Se não temos muitos artistas com deficiência, temos também poucos espaços culturais preocupados com inclusão social dos expectadores com deficiência. Vocês têm algum tipo de ação de promoção da inclusão na área cultural?

R.: Existe o conselho do deficiente em Petrópolis que busca de várias formas a inclusão e com o qual estou sempre em contato.

Esta população tem com poucos representantes para a conquista do seu espaço na sociedade. Porém, é importante lembrar que há alguns anos, não havia lei que obrigasse os locais, como por exemplo bancos, a terem darem acesso para a todos os cidadãos. A mudança está ocorrendo e está sendo gradual. Acredito que está aumentando a preocupação de todos com a acessibilidade. Mobilizadores COEP – Quais as perspectivas para 2009?

R.: Reapresentar o espetáculo ?Permita-se!? e retornar as aulas semanais que ficaram perdidas devido à minha licença maternidade e incompatibilidade de horários dos integrantes do grupo.

Entrevista concedida a: Renata Olivieri

Edição: Eliane Araújo Esperamos que tenham gostado da entrevista. Lembramos que o espaço abaixo é destinado a comentários. O entrevistado não se compromete a responder as perguntas aqui postadas.